

THINK TANKS E PARTIDOS POLÍTICOS EM TEMPOS DE TRUMP¹

Tatiana TEIXEIRA²

■ **RESUMO:** A cada vez mais acentuada polarização política em Washington parece estar provocando mudanças na ocupação dos espaços de poder por parte dos *think tanks* americanos. Seria o caso, mais especificamente, daqueles institutos mais tradicionais e mais próximos dos centros decisórios, ou que almejam alcançar este *status*, gravitando os principais órgãos do Executivo federal e o Congresso. Este artigo trata, portanto, do rearranjo que parece estar ocorrendo neste universo institucional desde o início do governo Donald Trump e que afeta os partidos Republicano e Democrata. Por um lado, tem-se um presidente de personalidade centralizadora e autodeclarado *outsider* da política que privilegia um grupo muito próximo de colaboradores em seu processo de tomada de decisões, com pouca abertura para o amplo aconselhamento externo dos especialistas dos *think tanks*. Por outro, entre os democratas progressistas, a busca também tem sido por fontes alternativas de programas e políticas públicas, o que se reflete no diálogo mais fragmentado, recorrendo-se a institutos menores e mais especializados, assim como à Academia. Acompanhar as ondas desse fenômeno de *revolving door* é um dos caminhos facilitadores para se antecipar agendas e medidas a serem adotadas pelo governo, assim como entender parte do funcionamento do complexo sistema político americano.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Democratas progressistas. Bernie Sanders. Donald Trump. Joe Biden. Republicanos. Think tanks.

¹ Esta é a versão completa do *paper* originalmente apresentado na Conferência Brasileira de Estudos Políticos sobre os Estados Unidos, promovida pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU) e realizada entre 25 a 28 de novembro de 2019, em São Paulo.

² INCT-INEU. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos. São Paulo – SP – Brasil. 01001-90. tatianat19@hotmail.com.

Introdução

Desde o momento de transição iniciado após a eleição presidencial de 2016, algo começava a indicar mudanças na relação dos *think tanks* com o atual Executivo e, em um efeito dominó, na relação destes institutos com os partidos e seus representantes republicanos e democratas. Por um lado, ambos os extremos do espectro político – os mais conservadores e os mais progressistas – estariam recorrendo menos amplamente às habituais e já consagradas fontes de produção de conhecimento e de legitimação. Por outro, do mesmo modo, os institutos mais tradicionais estariam-se afastando destes dois polos, buscando uma posição mais segura, confortável e menos arriscada de análises e proposições de políticas, no centro.

Como pedra angular, este artigo parte de observações críticas sobre o papel dos *think tanks* (TTs) americanos na política doméstica (TEIXEIRA, 2007, 2015) e do trabalho de pesquisa feito no Observatório Político dos Estados Unidos (OPEU)³. Esta tarefa se dá, sobretudo, pelo acompanhamento diário da cena política americana e da dinâmica entre os diversos atores que atuam neste sistema. Trata-se, portanto, de um trabalho a ser continuamente atualizado⁴.

Muitas foram as mudanças operadas com a chegada de Donald Trump à Casa Branca. Em relação aos *think tanks*, mais especificamente, como são conhecidos nos Estados Unidos os institutos de pesquisa para políticas públicas, houve a reacomodação daqueles considerados atores relevantes para a Casa Branca, algo que acontece de forma rotineira a cada renovação da legenda no poder – sejam democratas, sejam republicanos.

As idiossincrasias do governo trumpiano; suas escolhas erráticas – com idas e vindas e anúncios de ordens executivas aparentemente feitas às pressas, com falhas e brechas jurídicas –; os embates com os conservadores mais tradicionais do Partido Republicano; as constantes críticas feitas por institutos de todas as tendências (incluindo os conservadores); os recorrentes ataques do presidente e de outros membros de sua administração ao discurso científico e à comunidade acadêmica (DREZNER, 2017); além da hostilidade e da desconfiança para com as institui-

³ Para conhecer a produção do OPEU, consultar: <https://www.opecu.org.br/>.

⁴ Para acompanhar notícias, trabalhos e agendas de pesquisa sobre os *think tanks*, visitar: <http://www.thinktankwatch.com> e <https://onthinktanks.org/>.

ções, estariam apontando, porém, para um relativo distanciamento entre o núcleo duro do governo atual e os TTs.

Um outro movimento pôde ser observado entre os democratas, sigla que registrou um fortalecimento da ala mais progressista no período da pré-campanha para 2020. Ao longo das primárias, seus representantes com mais peso – os senadores Bernie Sanders (I-VT) e Elizabeth Warren (D-MA) – buscaram fontes alternativas para o aconselhamento e a elaboração de seus programas. *Think tanks* historicamente vistos como principais celeiros de ideias democratas foram menos procurados por estes políticos, ou se afastaram, de forma intencional. Uma hipótese seria que, em tempos tão polarizados politicamente, os TTs estariam optando cada vez mais pela moderação para não se isolarem e não afastarem doadores moderados.

Ciente de quão elusiva é a tentativa de rastrear o impacto das ideias, o objetivo inicial desta proposta é apontar se é possível asseverar se há, de fato, uma mudança em curso no universo dos *think tanks* desde o início do governo Trump. Por se tratar de proposta em construção concomitantemente à evolução dos acontecimentos, as principais fontes serão matérias e análises divulgadas na imprensa americana.

Tradição inventada, hibridez essencial, simulacro de influência e controle narrativo

Implícito na criação e na narrativa cuidadosamente elaborada e disseminada pelos TTs sobre si mesmos está que eles devem ser objetivos e independentes. Essa promessa apenas idealmente cumprida se ancora na suposição de que qualquer pesquisa envolvendo políticas públicas deve (e será) feita com objetividade, dentro de parâmetros de racionalidade e de neutralidade e pelo interesse comum. Como lembra Steve Smith (2004), porém, essa neutralidade é ilusória e impossível de ser isenta de valores. O problema não é que isso ocorra, mas, afirma o autor, que se use esse argumento mesmo sabendo que isso acontece.

A narrativa fundacional e a própria natureza dos principais debates sobre os *think tanks* na Academia, na imprensa e na política americanas contribuem para reforçar a percepção de que se trata de um tipo de instituição pensado e criado para uma atuação com propósitos específicos (e até elevados, em sua origem), independentemente de suas alegadas posições político-ideológicas, ontológicas, epistemológicas, ou metodológicas.

Seguindo a trajetória de pesquisa da autora deste *paper*, considera-se, porém, que o sistema de crenças específico, a que os *think tanks* pertencem, estabelece sua essência (e valores inerentes), afetando e contribuindo para moldar sua produção e os efeitos desta na realidade política. Acredita-se, portanto, na impossibilidade de se blindar a produção de conhecimento desses institutos, tornando-a totalmente objetiva, já que os próprios pesquisadores estão imbuídos de valores que dizem respeito a *ser americano*.

Conforme exposto em pesquisas anteriores (TEIXEIRA, 2007, 2015), os especialistas dos *think tanks* americanos criam, com frequência, novos *frames*, conceitos e programas que se espalham, naturalizam-se e se consolidam nos Estados Unidos, para, então, infiltrar-se nas principais organizações internacionais e em suas políticas e diretrizes adotadas para este, ou aquele país, nesta, ou naquela área. Nesta dinâmica, os TTs e seus pesquisadores têm e atuam do alto da privilegiada posição não apenas de interlocutores supostamente neutros, mas também como um dos *gatekeepers* das informações que podem circular nesse meio e de representantes dessas ideias que eles mesmos produzem e articulam. Isso importa, na medida em que a própria formulação de um conceito pode deflagrar formas de comportamento e de atuação de um governo para o outro, ou entre instituições internacionais e governos. Segundo Choi (2005, p. 24-25):

While concepts essentially constitute social practices, they are vague, by nature, because of the variable ways that people can construe meanings. For this reason, the central occupation of political scientists must be with deciphering the meanings that people attach to their concepts, that is to say, with elucidating how the world appears meaningful or significant to human beings who act for reasons of their own [...] We are always employing concepts to make sense of the world and to participate in it, and so we are always, in this sense, imposing meaning upon the world through the use and construction of our concepts ...⁵

⁵ Tradução livre feita pela autora sem revisão profissional, assim como todas as demais que aparecem neste trabalho: “Embora conceitos constituam, essencialmente práticas sociais, eles são vagos, por natureza, por causa das inúmeras maneiras que as pessoas podem construir significados. Por esse motivo, a preocupação central dos cientistas políticos deve ser com decifrar os significados que as pessoas atrelam aos conceitos delas, ou seja, elucidar como o mundo parece significativo para os seres humanos que agem por suas próprias razões. [...] estamos sempre empregando conceitos para fazer um sentido do mundo e para participar dele e, assim, estamos sempre, nesse sentido, impondo significado sobre o mundo, por meio do uso e da construção dos nossos conceitos ...”.

A expectativa externa (de governos, instituições, imprensa e outros atores) em relação à produção e à oferta de pesquisas, propostas políticas e análises para que sejam mais objetivas reforçou e contribuiu para legitimar o lugar dos *think tanks* na política americana, assim como o seu papel nas organizações e nos fóruns internacionais, onde atuam cada vez mais, sobretudo, por intermédio de redes transnacionais. Um exemplo recente deste arranjo *think tanks*-ideias-redes é identificável (ainda que não em toda sua estrutura, nem em todos os agentes envolvidos nela) na expansão das ideias de extrema direita pela América do Sul e pela Europa. Nesse sentido, corroborando o argumento desenvolvido por Stone (2004a), é possível afirmar que os TTs contribuem para a politização do conhecimento, facilitando e favorecendo, ao mesmo tempo, o avanço da homogeneização de como esse conhecimento é produzido e disseminado, assim como daquilo que é considerado válido e legítimo. De acordo com Stone (2004a, p. 14):

Networking, policy entrepreneurship and discourse construction to capture political agendas are manifestations of the way in which knowledge has been politicized by think tanks. [...] Think tanks are not only a source of policy ideas and innovation, but also symbolic of intellectual authority that can be used to support entrenched policy prejudices and political causes⁶.

A posição dos *think tanks* no processo político pode ser determinada por suas próprias características, escolhas e comportamento; pela natureza do conhecimento acumulado entre os especialistas quando um debate se instala; pelo tipo e lugar de discussão em curso, já que alguns temas e arenas são mais favoráveis e mais abertos à sua participação; pelo clima político no momento; pela velocidade com que a questão é resolvida; pelos fatos políticos; e pelo nível de preocupação, atenção e mobilização dos interesses envolvidos (RICH, 2004).

Selee (2013, p. 10) avalia que poucos *think tanks* estão “bem equipados” e em condições de influenciar a tomada de decisões em si, porque, segundo ele, “it requires an intimate knowledge of the political system and close, almost organic relations with

⁶ Tradução livre; “Networking, empreendedorismo na política e construção discursiva para captar agendas políticas são manifestações da maneira como o conhecimento tem sido politizado pelos *think tanks*. [...] *Think tanks* não são apenas uma fonte de ideias políticas e de inovação, mas também simbólicos de autoridade intelectual que pode ser usada para apoiar preconceitos políticos arraigados e causas políticas”.

decision makers”⁷. No caso do sistema político americano, poroso a tantos atores, trata-se de uma dificuldade, mas também de uma oportunidade. Como exemplo bem-sucedido na última década, o autor cita o trabalho de segurança doméstica (*homeland security*) da Heritage Foundation.

A expansão excessiva na quantidade de categorias para descrever os diferentes tipos de *think tanks* (como as enumeradas por ABELSON, 2006; DICKSON, 1972; MCGANN, 2006; MEDVETZ, 2012; SMITH, P, 1971; WEAVER, 1989, entre outros autores) e a proliferação do número de supostos *policy institutes* e *independent research institutions* são outros indicadores das mudanças nesse universo, como apontam os dados apresentados e as alterações feitas nas diferentes edições do *ranking* anual *Global Go To Think Tank Index Report*, elaborado pelo Think Tanks and Civil Societies Program (McGann, 2007, 2008, 2009a, 2010, 2011a, 2012, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019).

Importante observar outros fenômenos que vêm se acentuando quando se trata de *think tanks* e que podem ser observados nos sucessivos relatórios supracitados e em pesquisas recentes (TEIXEIRA, 2012, 2013) sobre este objeto de estudo: não apenas o excesso de subcategorias para descrevê-los, como a cada vez maior flexibilização de sua ideia original e o uso cada vez mais utilitarista e mercadológico desta etiqueta. Vai se tornando um conceito guarda-chuva, onde tudo cabe, sob o risco de perda de seu poder explicativo. Para Tom Medvetz (informação verbal)⁸, a questão de nomear e ser nomeado é, em si mesma, uma questão identitária e de disputa de poder. “[...] Ninguém quer ser chamado de lobista, ninguém quer ser chamado, simplesmente como um ativista. Porque ser um *think tank* é, pelo menos um pouco, mais imparcial”.

De acordo com a última edição deste *ranking* – do professor James McGann, da University of Pennsylvania (UPenn), até hoje o mais conhecido e regular sobre o tema –, existem hoje pelo menos 1.835 institutos nos Estados Unidos, distinguidos como tais. A tendência de especialização por áreas, ou temas, tem sido cada vez maior, e o surgimento de *think tanks* menores, também. A

⁷ Tradução livre: “precisa de um profundo conhecimento do sistema político e de relações próximas, quase orgânicas com os tomadores de decisão”.

⁸ Entrevista concedida à autora durante o estágio doutoral na Universidade da Pensilvânia (UPenn), nos EUA, realizado sob supervisão do prof. Dr. James McGann, com Bolsa FAPERJ. 1 arquivo WAV [1:19’10”]. Washington, D.C., 27 dez. 2012. Tradução livre do original em inglês, sem supervisão profissional, assim como nas demais.

maioria (90,5%) surgiu a partir de 1951, estimulada pelo novo e predominante papel dos Estados Unidos na cena internacional e, consequência disso, pela necessidade de se conhecer e entender o mundo naquele que seria o “Século Americano”. Ainda conforme os relatórios, esse número mais do que dobrou desde os anos 1980, com cerca de 25% deles situados na capital do país. A localização geográfica não é à toa. É preciso estar o mais perto possível do centro do poder para garantir mais visibilidade, influência, prestígio, contatos, recursos e, em última análise, sobrevivência institucional.

Em termos de suporte, o mais comum são os recursos financeiros para curto prazo, o que leva os institutos a desenvolverem projetos e iniciativas com mais chances de atrair interessados (TROY, 2012). Em geral, o que se busca é captar o assunto em voga no momento – China, por exemplo – e, de alguma forma, adaptá-lo a investigações já em curso. Este “study money” explica em parte, segundo o analisa R. Evan Ellis (informação verbal)⁹, a ocorrência de uma onda temática de artigos e relatórios publicados pelos *think tanks* americanos. O mesmo entrevistado classifica como “incorreta” a premissa de que os *think tanks* estudam determinado assunto porque é importante. “Às vezes, os *think tanks* estudam questões porque outras pessoas estão estudando [...] porque tem dinheiro lá [...] porque eles percebem que há interesse político lá [...] por causa de seu patrocinador” (R. Evan Ellis, informação verbal)¹⁰.

Por sua estrutura, cultura organizacional e constrangimentos internos e externos, como a disputa por financiamento, ou a pesquisa em áreas sensíveis como Defesa e Segurança Nacional, os membros dos TTs praticam, muitas vezes, uma involuntária (ou consciente) autocensura. Insidiosa, a autocensura é difícil de ser observada, verificada e medida (TROY, 2012, p. 88) e pode causar graves danos à qualidade do material produzido, acentuando a precariedade e/ou tendência nas análises e tornando impeditivo o exercício de um alto nível de inovação nesses institutos.

Vendo os *think tanks* como “organizations that generate policy-oriented research, analysis and advice on domestic and international issues in an effort to enable policymakers and the

⁹ Entrevista concedida à autora. 1 arquivo WAV [1:45'45"]. Washington, D.C., 7 dez. 2012.

¹⁰ Entrevista concedida à autora. 1 arquivo WAV [1:45'45"]. Washington, D.C., 7 dez. 2012.

public make informed decisions about public policy”¹¹, McGann (2007, 2008, 2009a, 2010, 2011a, 2012, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019) não acredita em um problema de definição, e sim em um hibridismo decorrente da evolução das diversas instituições que coabitam o universo político, influenciando e transformando esses institutos. Situados em um ambiente cada vez mais entrópico, cheio de nós e porosidade de fronteiras de atuação e capacidades em seus respectivos campos (MEDVETZ, 2012), *think tanks* convivem, disputam atenção e recursos e se confundem com fundações, ONGs diversas, universidades, grupos de pressão e de interesse. Como um início de tentativa de diferenciação, Gray (1977/1978, p. 179) sugere que as seguintes perguntas devem ser feitas, primeiramente:

Of government, one should ask – were the right policies pursued? And were they pursued effectively? Of a think tank, one should ask – what contribution has been made to the identification/solution of public policy problems? Of a university, one should ask – what contributions have been made to knowledge?¹²

O hibridismo evocado por McGann também aparece em Medvetz (2008, p. 4-5; 2012), que faz uma leitura de natureza sociológica deste objeto e propõe que seja visto como uma organização híbrida em sua essência e localizada em uma posição intermediária no espaço social. Isso significa que esses “instruments for linking political and intellectual practice in American life”¹³ (MEDVETZ, 2012, p. 7) são um tipo de organização que se firma e se diferencia por reunir em si características dos atores existentes nos campos limítrofes ao seu próprio campo. Como limítrofes, Medvetz (2012, p. 37) cita os campos econômico, de produção cultural, midiático e ainda o político e burocrático. Conforme Bourdieu (1989, p. 20), “social space tends to function

¹¹ Tradução livre: “organizações que geram conselhos, análises e pesquisas orientadas para a política sobre questões domésticas e internacionais em um esforço para permitir que os políticos e o público tomem decisões esclarecidas sobre políticas públicas”. Essa descrição é basicamente a mesma nas edições citadas, com poucas alterações, sem modificar o sentido. Por isso, não se colocou o número de páginas. Em meio às classificações do mesmo autor que vão sendo criadas ao longo dos anos, essa parece ser sua definição básica de trabalho, inclusive em seus livros.

¹² Tradução livre: “Sobre o governo, deveria se perguntar – as políticas certas foram buscadas? E foram buscadas de forma eficiente? Sobre um *think tank*, deveria se perguntar – que contribuição foi feita para a identificação/solução de problemas de políticas públicas? Sobre uma universidade, deveria se perguntar – que contribuições foram feitas para o conhecimento?”.

¹³ Tradução livre: “instrumentos para conectar a prática intelectual e política na vida americana”.

as a symbolic space, a space of lifestyles and status groups characterized by different lifestyles”¹⁴.

Assim, os *think tanks* se confrontam com um perene problema de demarcação. Isso também os coloca em um ciclo permanente e conflituoso de aproximação e de afastamento para manter sua identidade, com papéis intercambiáveis com os atores dos demais campos, incluindo as funções de *know-how* político, credibilidade acadêmica e independência financeira. Fazendo extenso uso de Bourdieu e de seu corpo conceitual – campo, *habitus* e capital –, Medvetz (2008, p. 9; 2012, p. 7, 213) sugere que os TTs ocupam um espaço institucional híbrido que conta com suas próprias leis, agentes e convenções, inspiradas e criadas com características dos quatro campos citados no parágrafo anterior. Este espaço institucional peculiar é, ao mesmo tempo e todo tempo, relacional – interna e externamente.

Em um argumento que aparece em vários de seus livros, Wiarda (2015, p. 1) afirma que, desde os anos 1960, período marcado pelos programas *New Frontier*, do governo de John F. Kennedy (1961-1963), e *Great Society*, de Lyndon Johnson (1963-1969), os *think tanks* vêm substituindo as universidades como principais geradores de novas ideias para um sistema político cada vez mais polarizado e profundamente dividido. “[...] since the 1960s universities and university-based academics have become less important in high-level Washington policy-making. That role has been increasingly taken over by the Washington-based think tanks, research centers, and policy ‘shops’”¹⁵ (WIARDA, 2010, p. X). Como se verá neste artigo, neste novo ciclo eleitoral a Academia recuperou espaço.

O autor alega, em primeiro lugar, que o estilo de escrita desses institutos é muito diferente do feito acadêmico – muito abstrato e teórico para a maioria dos políticos (WIARDA, 2008, p. 98). Adotando uma linguagem mais objetiva, clara e concisa, esse estilo é mais fácil de ser compreendido pelos diferentes públicos que estão em Washington. Além disso, acrescenta Wiarda, a produção intelectual nas universidades americanas hoje estaria excessivamente à esquerda do espectro político, e o acadêmico com um perfil cada vez mais ideológico. Esta não parece ser

¹⁴ Tradução livre: “o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e grupos de *status* caracterizados por diferentes estilos de vida”.

¹⁵ Tradução livre: “[...] desde os anos 1960, universidades e acadêmicos que trabalham em universidades vêm se tornando menos importantes no alto escalão da política de Washington. Esse papel tem sido, crescentemente, assumido pelos *think tanks*, centros de pesquisa e ‘policy shops’ de Washington”.

uma distinção sólida, nem suficiente, já que os *think tanks* têm seguido essa mesma tendência – sobretudo, os conservadores.

Em segundo lugar, ele afirma que os atores de fora de Washington¹⁶ não sabem como inserir suas ideias no processo político, fazendo-as, portanto, chegar a quem importa, no momento mais oportuno para serem assimiladas.

Very few people from outside Washington can influence the policy process. And even in Washington, it's usually not enough to be at one of the Washington-area universities. No, you have to be not just in Washington but in the Washington think tanks¹⁷ (WIARDA, 2015, p. 1).

Ao apontar a arbitrariedade dos marcadores identitários definidos sobre os *think tanks*, Medvetz (2008, p. 2) questiona a rigidez do conceito original, argumentando que privilegia o modelo anglo-saxão e que, mesmo nos EUA, “the first organizations to exist under this banner were not independent at all, but in fact the genetic offspring of states, parties, markets, and universities”¹⁸. No mesmo sentido, Stone (2004a, p. 2) considera “problemática” a definição anglo-saxã, por não funcionar bem em outras culturas, e discute os termos das supostas “independência e autonomia” dos *think tanks*. Como esclarece a autora (2004a, p. 3), referindo-se à relação entre esses institutos e governos, partidos e grupos de pressão, “it is a ‘relative autonomy’, as think tanks are often in resource-dependent relationships with these organizations”¹⁹.

¹⁶ No original e em outros de seus textos, Wiarda usa a expressão *outside the Beltway* (em oposição a *inside the Beltway*), que se tornou uma metáfora corrente para se referir a algo (um indivíduo, uma ideia, ou uma instituição, por exemplo) que não é politicamente relevante, nem influente, por estar afastado da capital e por não ter conexões, ou conhecimento político genuíno. Longe, portanto, dos círculos do poder. *The Beltway* se tornou uma referência frequente ao mundo político e social de Washington, D.C., e às suas regras, personagens e bastidores. Há exceções, mas, mesmo no caso dos *think tanks*, é preciso estar em D.C. para ter acesso às pessoas certas no momento certo, estabelecer uma ampla e influente rede de contatos, para ter visibilidade e tentar ter algum impacto na política, tanto no Executivo, quanto no Legislativo. A origem é a *Capitol Beltway*, como é conhecida a rodovia interestadual I-495, que forma um cinturão ao redor de D.C.

¹⁷ Tradução livre: “Muito poucas pessoas de fora de Washington podem influenciar o processo político. E, mesmo em Washington, normalmente não basta estar em uma das universidades na região de Washington. Não, você tem de estar não apenas em Washington, mas nos *think tanks* de Washington”.

¹⁸ Tradução livre: “as primeiras organizações a existirem sob essa bandeira não eram nem um pouco independentes, e sim, descendentes de estados, partidos, mercados e universidades”.

¹⁹ Tradução livre: “é uma ‘autonomia relativa’, já que os *think tanks* estão, frequentemente, em relações de dependência de recursos dessas organizações [grifo da autora]”.

O ex-presidente da *Brookings Institution* Strobe Talbott (2006, p. 437, 440) alega que, embora o apartidarismo seja um dos corolários do princípio de independência, isso não significa ser “politicamente neutro”. Essas características vêm sendo cada vez mais relativizadas nas pesquisas sobre o tema, como em Acuña (2009), McGann (2011b) e Medvetz (2008, 2012). Basta pensar na origem da RAND²⁰ Corporation – resultante da parceria entre a Douglas Aircraft Company e a Força Aérea americana –, nos vínculos democratas do Center for American Progress (CAP), do Progressive Policy Institute (PPI) e do Center for a New American Security (CNAS), ou na clara simbiose da Heritage Foundation e do American Enterprise Institute (AEI) com os republicanos.

Conexões, posicionamentos políticos, trajetórias acadêmica e profissional, crenças e preferências pessoais dos integrantes dos *think tanks*, assim como os valores e a missão de cada instituto, não podem ser negligenciados, nem minimizados. Quando se acompanha o trabalho destes centros de pesquisa, fica claro que – tanto nas análises de estudiosos do tema, quanto na avaliação feita pelos próprios integrantes dos *think tanks* – muito do que se lhe credita como principais atividades e características parece existir, em seu conjunto, mais como tipo ideal do que como rotina e dinâmica institucional.

A autopercepção de relevância e de imprescindibilidade destes institutos e de seus integrantes é enorme e, muitas vezes, distorcida nos Estados Unidos. Com passagens pelo AEI, pelo American Action Forum, pela Heritage Foundation, pelo Hudson Institute, entre outros, o ex-subsecretário de Saúde e Serviços Humanos do governo George W. Bush, Tevi Troy (2012, p. 75), destaca a “extraordinary dependence of policymakers on the work of think tanks”²¹, enquanto o atual presidente do Council on Foreign Relations (CFR), Richard Haass (2002, s/p), um exemplo notório dessa interação constante entre as esferas pública e privada que caracteriza o *revolving door* americano, alega que:

Their greatest impact [...] is in generating ‘new thinking’ that changes the way that U.S. decision-makers perceive and respond to the world. Original insights can alter conceptions of U.S. national interests, influence the ranking of priorities, provide roadmaps for action, mobilize political and bureaucratic coalitions, and shape

²⁰ Acrônimo de Research And Development.

²¹ Tradução livre: “extraordinária dependência dos políticos em relação ao trabalho dos *think tanks*”.

the design of lasting institutions. [...] In addition to bringing new ideas and experts into government, think tanks provide policy-makers with venues in which to build shared understanding, if not consensus, on policy options among [...] the 'foreign policy public': the opinion makers and shapers drawn from across the professions²².

Nos maiores e mais antigos *think tanks*, como o CFR e a Brookings Institution, tem-se um ambiente altamente ritualizado, com seu sistema de procedimentos, códigos e prescrições, onde se cultuam títulos e se entregam condecorações, onde “cátedras” são instituídas para reconhecer o capital simbólico (cultural, social e, em muitas circunstâncias, especialmente o econômico) de seus integrantes, ou de quem quer fazer parte desse clube, e onde nomes são cuidadosamente incluídos nos relatórios anuais que vão tecendo a história institucional.

Entre alguns dos indicadores mais comumente usados pelos pesquisadores de *think tanks* para verificar e atestar a influência desses institutos estão o número de eventos e de publicações, de *hearings* dos especialistas no Congresso dos EUA, ou de *briefings* dados no Foreign Press Center do Departamento de Estado; menções em discursos presidenciais; cargos importantes ocupados no governo, por esses especialistas; número de acessos à página institucional, de *downloads* de documentos, ou número de seguidores no Twitter, de membros no Facebook; número de contratos de pesquisa com agências governamentais americanas; ou em outras redes sociais; citações na imprensa americana, entre outros (TEIXEIRA, 2007). O último é um dos favoritos da comunidade de *think tanks*, pois costuma dar a impressão de alta e constante visibilidade – para muitos, um indicativo de influência.

Em um plano mais geral, a divergência entre os especialistas não é sobre se os *think tanks* são influentes ou não, mas sobre a natureza desse impacto, sobre o quanto de influência eles realmente exercem, em quem, no quê, quando e em nome de quem, e sobre como rastrear, mapear, verificar e mensurar essa ação. “Muito vai depender de como você define influência”,

²² Tradução livre: “Seu maior impacto [...] é gerar ‘pensamento novo’ que muda a maneira como os tomadores de decisão americanos percebem e reagem ao mundo. *Insights* originais podem alterar as concepções dos interesses nacionais americanos, influenciar o *ranking* de prioridades, fornecer mapas de rota para ação, mobilizar coalizões políticas e burocráticas e moldar o design de instituições duradouras. [...] Além de levarem novas ideias e especialistas ao governo, *think tanks* abastecem *policy-makers* com espaços para a construção de entendimento compartilhado – quando não consenso – sobre as opções políticas entre [...] o ‘público de política externa’: formadores e moldadores de opinião de todas as profissões”.

explica Donald Abelson (informação verbal)²³. Isoladamente, os indicadores supracitados não têm como comprová-la de forma segura e efetiva, assim como não podem atestar a paternidade de um projeto, ainda que ajudem, conforme descrito, a se *fazer parecer* influente. Em Washington, em especial nos dias atuais, o simulacro de influência importa tanto quanto o impacto real.

Ao competir por atenção, recursos e prestígio em sua relação com governos, mídia e outros atores interessados, esses institutos buscam criar uma “impressão”: a imagem de que são muito influentes, muito importantes e desempenham um papel crítico na arena política (Abelson, informação verbal)²⁴. E, como ressalta o autor nesta mesma entrevista²⁵, os TTs são apenas uma parte desse universo:

[...] podemos chegar a uma abordagem perfeita para medir influência? E a resposta é ‘*não, não podemos*’. É uma ciência imperfeita. Mas no que as pessoas estão mais interessadas é: o que é que essas organizações fazem, que funções elas desempenham, como elas transmitem um conhecimento que, no final do dia, elas estão em uma posição mais ou menos privilegiada para serem capazes de moldar o clima político com o tempo e por meio de um longo período de tempo? [...]

De que existe uma utilidade dos *think tanks* não há dúvida. A questão é como esse uso é feito, com qual propósito e por quem, pois nem sempre os interesses envolvidos são claros e raramente seus clientes buscam soluções brilhantes, ou querem mudanças significativas de rumo. Ao contrário do propalado mito da inovação, em boa parte das vezes, políticos esperam ideias com algum grau de familiaridade para reformular, ou administrar de forma adequada, o que já está em vigor, legitimando o *status quo* à base de estatísticas e teorias. “Think tanks are used, not unfrequently, almost solely for the purpose of demonstrating that a particular set of issues is being studied in a careful and tolerably objective way [...] research often can serve as a substitute for action”²⁶ (GRAY, 1977/1978, p. 188).

²³ Entrevista concedida à autora. 1 arquivo WAV [52'10"]. Skype, 14 dez. 2012.

²⁴ Entrevista concedida à autora. 1 arquivo WAV [52'10"]. Skype, 14 dez. 2012.

²⁵ Entrevista concedida à autora. 1 arquivo WAV [52'10"]. Skype, 14 dez. 2012.

²⁶ Tradução livre: “não é incomum que os *think tanks* sejam usados quase que apenas com a proposta de demonstrar que um conjunto particular de questões está sendo estudado de uma maneira cuidadosa e razoavelmente objetiva [...] pesquisa pode, com frequência, ser usada como substituto para a ação”.

Na ausência de uma definição *stricto sensu* de um termo ainda “escorregadio”, “elástico” e de “significado opaco” (STONE, 2004a, 2004b, 2007), muito em função da própria natureza constitutiva do objeto, conforme a excelente contribuição de Medvetz (2008, 2012), tampouco há consenso sobre que instituição pode se intitular, ou ser considerada, como tal. Para os institutos em si, no lugar do refinamento conceitual, parece ganhar peso – por sua utilidade, eficiência, eficácia, ou alguma outra conveniência – aquilo que as instituições supõem que ser considerada um *think tank* fará delas, como serão vistas por adotarem essa etiqueta e os atributos e ganhos decorrentes dessa categorização. No dia a dia da guerra por espaço e por atenção no populoso mercado das ideias, cada instituto se apropriará desse rótulo, conforme apontado nesta seção, de modo a potencializar o que tem a oferecer. O obstáculo metodológico permanece.

Think tanks e partidos nos EUA

Elemento distintivo da cultura política americana, os *think tanks* e seus especialistas têm uma janela de oportunidade renovada a cada quatro (ou oito) anos em Washington, D.C. A cada ciclo eleitoral presidencial, seus membros costumam ser convocados para fornecer sua expertise em grupos temáticos nas campanhas republicana e democrata. E, a depender do resultado nas urnas, podem ser convidados para integrar o governo em seus diferentes departamentos e escalões para ajudar na elaboração, na análise e no monitoramento de políticas públicas em áreas tão diversas quanto segurança nacional, saúde, educação, ou energia. Cada governo e, sobretudo, cada presidente estabelece uma relação própria com esses potenciais conselheiros, apoiando-se algumas vezes mais, outras menos, nesses pesquisadores e nas instituições às quais eles estão vinculados (TEIXEIRA, 2018).

Concentrando-se no indivíduo, Abelson e Carberry (1997) alegam que duas características ajudam a explicar o que leva candidatos à Presidência a recorrerem aos especialistas dos *think tanks* e quando isso tende a acontecer. Segundo eles, esse tipo de consulta é “relativamente recente”. A primeira característica é seu *status* em Washington – se são *insiders*, ou *outsiders*, especialmente nas áreas de Política Externa e de Segurança. A segunda diz respeito ao peso e ao nível de rigidez de suas crenças e de suas percepções. Com base nessas duas características, Abelson e Carberry (1997, p. 685-7) elaboraram

quatro categorias, descritas abaixo, que levam em consideração a trajetória profissional do candidato – e o quão “iniciado” ele é na política em Washington – e seu posicionamento ideológico:

1) *Washington Outsider, Strong Ideologue*: mais propensos a recorrer aos *think tanks* por seu limitado conhecimento da agenda doméstica e internacional, assim como da máquina administrativa federal. Sem surpresa, os autores apontam os *think tanks* instalados no *Beltway* como os mais familiarizados com a dinâmica das relações entre Executivo e Legislativo e da política como um todo (formais e, sobretudo, informais). Além disso, podem encontrar nas pesquisas feitas por *advocacy think tanks* de posicionamento ideológico afim a legitimação necessária para sua plataforma;

2) *Washington Insider, Strong Ideologue*: embora tenham mais conhecimento dos meandros do poder, buscam ajuda para reforçar o aspecto ideológico de sua agenda;

3) *Washington Outsider, Weak Ideologue*: são menos propensos a procurar os *advocacy think tanks*, já que não buscam validação ideológica para suas ideias, voltando-se para os institutos mais tradicionais, dedicados à pesquisa; e

4) *Washington Insider, Weak Ideologue*: os menos prováveis a recorrer às credenciais dos TTs para a campanha, formar seu gabinete, ou pedir assessoria.

“Rather than generating new and provocative policy ideas, many think tanks do little more than package issues for candidates in an easily digestible form”²⁷, afirmam Abelson e Carberry (1997, p. 684). O que mais atrai esse público é, de fato, a capacidade desses especialistas de identificar, antecipar e responder as questões mais urgentes no debate – aquelas, portanto, de maior repercussão eleitoral. Ainda segundo Abelson e Carberry (1997), outro aspecto atraente são as conexões e a experiência dos especialistas mais renomados desses institutos. Assim, não apenas informam, como adquirem a função de “validar” o candidato e a sua plataforma e, no caso dos *advocacy think tanks*, têm como base crenças e ideologias compartilhadas (ABELSON; CARBERRY, 1997, p. 684). Tornam essa colaboração ainda mais preciosa e útil.

²⁷ Tradução livre: “Mais do que gerar novas e provocativas ideias sobre política, muitos *think tanks* fazem pouco mais do que ‘embalar’ questões para os candidatos de modo que sejam fáceis de serem digeridas”.

O republicano Ronald Reagan contou especialmente com a Heritage Foundation e sua série de livros *Mandate for Leadership*, divulgada em janeiro de 1981, assim como com o American Enterprise Institute (AEI) e a Hoover Institution e sua coletânea de ensaios *The United States in the 1980s* (TROY, 2017). No fim de seu governo, este *ex-honorary fellow* da Hoover Institution (REAGAN, 1988, s/p) pronunciou o discurso “Liberdade e vigilância”, por ocasião do jantar anual do AEI, em 7 de dezembro do referido ano. Em suas palavras, há considerações sobre os avanços no diálogo com a então União Soviética de Mikhail Gorbachev, o balanço de sua política externa e um longo agradecimento a esse instituto. Em diferentes momentos do discurso, Reagan reconheceu no AEI a origem de muitas das políticas implementadas em seus oito anos de mandato, apontando-o como fonte intelectual da “revolução conservadora”²⁸.

Exemplo recente, seu correligionário George W. Bush (2001-2009) contou, na campanha eleitoral e em seus dois mandatos, com a assessoria de vários representantes de *think tanks* conservadores, sobretudo, a Heritage, o AEI e o até então considerado um *think tank* Project for the New American Century (PNAC)²⁹, hoje inativo (ABELSON, 2002, 2009). Como já havia feito Reagan há 15 anos, o presidente W. Bush (2003) discursou no jantar anual do AEI, onde elogiou o trabalho do instituto e agradeceu por sua contribuição ao país.

Diferentes autores apontam o AEI e a Heritage como dois dos mais importantes celeiros de colaboradores da Doutrina Bush adotada após os atentados do 11 de Setembro. De ação preventiva e “preemptiva”, esta “permitiu [...] a aceleração de um rumo já traçado” (DUPAS, 2009, p. 129) e “agravou uma tendência” já em curso na política externa americana (GUIMARÃES, 2002;

²⁸ Sobre o papel dos *think tanks* nessa transformação, ver Teixeira (2007).

²⁹ Fundado em 1997 por um grupo de proeminentes neoconservadores, o Project for the New American Century (PNAC), esse pequeno *think tank* com “vínculos poderosos” com a Casa Branca (ABELSON, 2009, p. 139) também é apontado na literatura como um dos principais artifices da elaboração, disseminação e implantação da GWOT. Extinto em 2006, durante algum tempo se manteve *on-line* apenas, com material de arquivo como uma vitrine da agenda neoconservadora. Agora está definitivamente indisponível (Ver: <https://www.loc.gov/item/lcwa00010308/>). Em retrospecto, considerando-se sua interrupção institucional, assim como o perfil e a intensidade de sua atuação, a autora deste trabalho hoje vê essa organização muito mais próxima dos grupos de interesse e de pressão do que de um *think tank*, propriamente. Em termos práticos, foi “substituído” pela The Foreign Policy Initiative, que rejeitava o isolacionismo dos EUA, propugnava a liderança americana, um robusto orçamento para a Defesa e o forte engajamento militar, econômico e diplomático do país, entre outras bandeiras semelhantes, além da preocupação perene com os *rogue states*. Entre seus diretores, estavam os *neocons* egressos do falecido PNAC Robert Kagan e William Kristol. A iniciativa foi encerrada em 2018 (ROGIN, 2017). Mais detalhes em: <https://foreignpolicy.org/foreign-policy-initiative-cease-of-operations/>

2008), colocando o país em uma guerra global ao terror (GWOT, na sigla em inglês) ainda sem desfecho. Como atesta Abelson (2009, p. 93), “support for the ‘surge’ in Iraq has been closely linked to several projects undertaken at AEI”³⁰. Além disso, “[...] the consensus is that no think tank has been more effective at communicating its ideas to the Bush White House than PNAC”³¹ (ABELSON, 2009, p. 103).

Do mesmo modo, na disputa pela Casa Branca e em vários postos de diferentes escalões e departamentos em seus dois mandatos (2009-2017), o democrata Barack Obama teve o aconselhamento de pessoas ligadas à Brookings Institution, ao Center for American Progress (CAP), ao CFR, ao Center for a New American Security (CNAS), entre outros (DUSS, 2009; MCGANN, 2008, 2009b; TEIXEIRA, 2010). No relatório anual de 2009, por exemplo, o então *chairman* da Brookings, John L. Thornton, destacava que “more than 20 of our scholars went into key jobs”³² (BROOKINGS INSTITUTION, 2009, p. 2). No mesmo documento, a instituição considerou como um “forte indicador do impacto” de seu Programa de Política Externa a ida de vários de seus especialistas para posições de alto escalão no Conselho de Segurança Nacional, no Departamento de Estado e em outras agências (BROOKINGS INSTITUTION, 2009, p. 14, 26), entre eles Susan Rice, Carlos Pascual, Tom Donilon, Jeffrey Bader, Philip Gordon, Ivo Daalder e David Sandalow.

Alguns anos antes, o então governador do Arkansas, o também democrata Bill Clinton (1993-2001), um novato na política de Washington, não apenas recorreu às orientações do Progressive Policy Institute (PPI) ao longo da campanha presidencial de 1992, como levou várias das ideias desse braço político do grupo de defesa Democratic Leadership Council (DLC) para o governo (ABELSON; CARBERRY, 1997; FROM, 2013). Como lembra Al From (2013, s/p), um dos fundadores e ex-diretor-executivo do DLC, “we needed an intellectual center [...] a political think tank with the capacity to develop politically potent, substantive ideas that our elected officials and political supporters could embrace”³³.

³⁰ Tradução livre: “apoio para a ‘surge’ no Iraque esteve intimamente ligado a projetos empreendidos no AEI”.

³¹ Tradução livre: “[...] o consenso é que nenhum *think tank* foi mais eficiente em comunicar suas ideias para a Casa Branca de Bush do que o PNAC”.

³² Tradução livre: “mais de 20 dos nossos *scholars* foram para postos-chave”.

³³ Tradução livre: “precisávamos de um *think tank* político com capacidade para desenvolver ideias politicamente potentes, substantivas, às quais nossos representantes eleitos e simpatizantes políticos poderiam aderir”.

O intuito claro era recuperar o domínio perdido, após a reação conservadora articulada nos anos 1970 e consolidada na década seguinte.

Criado em 1985, o DLC foi uma tentativa de obter maior coesão partidária, reunindo tanto correligionários moderados quanto os mais progressistas, de ampliar a base de apoio e de fortalecer a legenda para disputar a Casa Branca (FROM, 2013; TROY, 2017). Com o objetivo de torná-lo um movimento nacional, inaugurou-se o PPI³⁴, em 1989, um espaço para os “novos democratas”, que buscavam modernizar o partido. Aparentemente tendo atingido seu objetivo de médio prazo, com contribuições como a proposta de reforma da saúde, por exemplo, Al From anunciou, em 2011, que a instituição encerraria suas atividades (SMITH, B., 2011).

Think tanks na era dos extremos

No início do atual mandato, com o presidente Donald Trump se cercando, principalmente, de lideranças militares e empresariais nos mais altos cargos, houve especulações de que os *think tanks* perderiam espaço de atuação no Executivo (TEIXEIRA, 2018; THINK TANK WATCH.COM, 2016). Esse distanciamento entre *think tanks* e Casa Branca também aconteceu em tempos recentes, como na gestão de George H. W. Bush, um político veterano e com experiência em política externa, que tentava se descolar do perfil de liderança reaganiano.

Durante a tumultuada campanha de 2016, especialistas de vários institutos de sólida reputação e de diferentes orientações políticas (como Peterson Institute for International Economics, CFR e Center for Strategic and International Studies) chegaram a assinar cartas contra Trump e contra sua candidatura. A Heritage não apenas não endossou nenhum desses documentos, como ofereceu sua contribuição, por meio de seu *Blueprint for a New Administration* – um relatório assinado por várias pessoas que atuaram na equipe de transição. A instituição teria vários de seus integrantes colaborando com Trump em orçamento e políticas externa e doméstica, por exemplo, desde o período de transição – aquele que vai da vitória nas urnas até a posse efetiva – e além. Embora especialistas de outros institutos também tenham colaborado com a equipe de transição, como

³⁴ Para conhecer a história do PPI e do CAP, ver Cloutier-Roy (2019, p. 97), que mostra como “esses dois *think tanks* liberais contribuíram para colocar o Partido Democrata de volta aos trilhos e relançar o liberalismo nos Estados Unidos”.

o American Enterprise Institute (AEI), a Hoover Institution, o Manhattan Institute, o Hudson Institute, o Competitive Enterprise Institute (CEI), o Institute for Energy Research, ou a Texas Public Policy Foundation, nenhum outro *think tank* esteve tão próximo da equipe de transição trumpista e com tantos representantes quanto a Heritage (TEIXEIRA, 2018).

Episódio bastante simbólico dessa aproximação e preferência, um mês após a vitória eleitoral, o vice-presidente Mike Pence discursou no jantar anual do Clube do Presidente dessa instituição. O evento foi realizado no novo hotel de Trump, situado na Pennsylvania Avenue. E, em um raro momento, Trump elogiou o então presidente da Heritage, o ex-senador Jim DeMint, pela sugestão do juiz conservador Neil Gorsuch para ocupar a cadeira de Antonin Scalia na Suprema Corte.

Em convergência com as promessas de campanha do republicano, a agenda dos 100 dias de governo da Heritage era dedicada, sobretudo, a “revogar e substituir” o Obamacare, tornar a política migratória mais rigorosa e rever e desmontar as regulações adotadas na gestão anterior. Entre os nomes que trabalharam na transição, estão o vice-presidente da Heritage para Estudos Políticos de Relações Exteriores e Defesa, James Carafano, um militar de carreira que atuou na equipe responsável pelas questões de política externa. Também esteve ativo o ex-presidente da Heritage Ed Feulner, o ex-procurador-geral no governo Reagan e associado da instituição Edwin Meese, assim como Becky Norton Dunlop, outro membro da Heritage que também trabalhou na gestão Reagan.

O ostracismo da Heritage no governo democrata de Barack Obama acabou levando a organização a trabalhar alinhada com o radical Tea Party, grupo ao qual DeMint era ligado no Congresso. O movimento gerou conflitos com os conservadores republicanos tradicionais, ajudando na aproximação com Trump. Entre os nomes recomendados pelo *think tank* e que entraram no governo Trump estão Scott Pruitt (agora ex-diretor da EPA), Betsy DeVos (secretária da Educação), Mick Mulvaney (diretor do Escritório de Gestão e Orçamento e atual chefe de gabinete na Casa Branca), Rick Perry (secretário de Energia) e Jeff Sessions (agora ex-procurador-geral dos EUA). Segundo a Heritage, quase 70 nomes saíram da instituição, ou foram indicados por ela. Muitos ainda estariam esperando confirmação do Senado.

Depois de um ano de mandato, com seu *Blueprint for Impact*, a Heritage celebrou o fato de, nas palavras da organização, o

presidente e seu governo terem adotado “quase dois terços das recomendações políticas” feitas no *Mandate for Leadership*, ou seja, 64% dessas sugestões teriam sido incorporadas ao orçamento, implementadas, ou estariam sendo avaliadas para serem postas em prática. *Mandate for Leadership* é uma série de cinco publicações, com 334 recomendações políticas em todas as áreas, divididas em: *Blueprint for Reform: A Comprehensive Policy Agenda for a New Administration in 2017*; *Blueprint for a New Administration: Priorities for the President*; *Blueprint for Reorganization: An Analysis of Federal Departments and Agencies*; *Blueprint for Reorganization: Pathways to Reform and Cross-Cutting Issues* e *Blueprint for Balance: A Federal Budget for Fiscal Year 2018*.

Como exemplos de sua influência, a instituição menciona a retirada dos EUA do Acordo de Paris sobre o clima, aumento dos gastos militares, reforma das agências governamentais para redução de custos, de pessoal e de tamanho, ou a saída da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Em geral, os *think tanks* exageram em sua importância e impacto para reforçar a imagem de ator relevante e, entre outros objetivos, atrair mais doadores e abrir novos espaços de atuação. Neste caso, independentemente da precisão dos números, há um consenso entre analistas e políticos sobre o peso da Heritage na gestão Trump (MAHLER, 2018; SHEPHARD, 2017).

Criada em 1973, a Heritage Foundation funcionou, durante muito tempo, como o novo tipo de *think tank* a ser seguido pelas instituições conservadoras para vencer a guerra das ideias. Diferentemente de seus congêneres, seus trabalhos eram escritos de forma mais curta e objetiva, sem prolongadas explicações teóricas e sem isentismo partidário. O *marketing* na propagação das ideias se tornou mais agressivo e com o objetivo declarado de influenciar pontual e diretamente o processo político. Aproveitar os momentos mais favoráveis no Congresso para afetar esta ou aquela legislação, passou a ser crucial. Também se tornou crítico estar pronto para colaborar nas campanhas eleitorais.

Além de ter montado uma rede interconectada de especialistas conservadores (o *Project to Restore America*, lista criada em 2014 pela Heritage), a organização deveria ser capaz de fornecer nomes para reforçar, no Executivo, uma agenda dedicada à implantação de um governo com atuação limitada do Estado, à liberdade individual, à livre-iniciativa, aos valores tradicionais e

a uma segurança nacional forte. Muitas vezes, opera no limite do que é legalmente permitido.

No caso democrata, uma observação e/ou crítica recorrente nas primárias foi o distanciamento de políticos como Bernie Sanders e Elizabeth Warren dos tradicionais e mais renomados *think tanks*, com os quais o partido costuma contar em campanhas eleitorais, como CAP, Brookings, ou New America (ex-New America Foundation). Heer (2019, s/p) afirma que as colaborações destes institutos têm-se dado de forma mais pontual do que sistemática, com a participação de institutos menores e mais especializados e de pesquisadores de renomadas universidades. No círculo democrata, o universo de *think tanks* vistos como potenciais fontes de quadros profissionais e de políticas alternativas ficou mais fragmentado.

Na imprensa americana, o People's Policy Project (PPP) e o Institute for Policy Studies apareciam como algumas das fontes de ideias para a equipe do "democrata-socialista" Sanders, em temas como desigualdade social, e o Roosevelt Institute, Organization for Competitive Markets, Open Markets Institute, Düsseldorf Institute for Competition Economics, ou Upjohn Institute, além de artigos de acadêmicos publicados em periódicos como o *Journal of Applied Business and Economics* e o *American Journal of Sociology*, para Warren, em políticas voltadas para a classe trabalhadora (HEER, 2019, s/p; THOMPSON; MEYER, 2019, s/p). Entre os nomes que teriam colaborado com a pré-campanha da senadora e de seu programa "anti-Wall Street", Thompson e Meyer (2019, s/p) citam "intellectuals inclined to challenge conventional wisdom, and people long on expertise in their subject matters but shorter on experience in the hard-knock political arena"³⁵.

Uma das hipóteses para esse afastamento é que haveria uma desconexão com os nomes mais progressistas do partido, devido à ausência de ideias inovadoras e ousadas nos *think tanks* maiores e mais *mainstream* e à sua incapacidade (ou impossibilidade de diversas naturezas) de "pensar fora da caixa". Esta crítica aos TTs em geral não é nova, mas ela ganha ímpeto no momento em que o *establishment* do Partido Democrata divide espaço com outras tendências e é bastante criticado por acolhê-las com reservas.

³⁵ Tradução livre: "intelectuais inclinados a desafiar a sabedoria convencional e pessoas com grande *expertise* em suas áreas, mas pouca experiência na duríssima arena política".

Outra hipótese é que temas importantes nesta agenda, como o perdão da dívida estudantil, ensino superior gratuito e *Medicare for All*, são polêmicos e se posicionar sobre eles pode ter custos (dificuldade de obter recursos para novos projetos de pesquisa, por exemplo) após a definição do cenário eleitoral. Além disso, continua viva a lembrança do enorme desgaste das eleições de 2016 para o Partido Democrata e para seus apoiadores. Naquele ano, na disputa entre Sanders e Hillary Clinton nas primárias, os principais *think tanks* que costumam se envolver no debate democrata claramente apoiaram a ex-secretária de Estado (HEER, 2019; RASTRICK, 2017), que acabou sendo derrotada por Trump. Estes mesmos institutos também hostilizaram o então candidato republicano, que, ao chegar à Presidência, fechou as portas do Executivo para suas propostas.

Ao contrário de Sanders, Joe Biden conta com um apoio mais confortável de institutos em geral mais identificados com os democratas. Entre estes institutos, estão Center for American Progress, Center for a New American Security, Brookings Institution, Council on Foreign Relations, Center on Budget and Policy Priorities, New America e Economic Policy Institute.

Considerações finais

Às vésperas da publicação deste artigo, a irrupção da pandemia do novo coronavírus, a virtual consagração de Joe Biden³⁶ como candidato democrata para a eleição presidencial de 2020 e uma potencial coalizão de “centro esquerda” com Bernie Sanders e Elizabeth Warren aumentaram a atividade e a pressão dos *think tanks* mais progressistas sobre o ex-vice-presidente e sobre sua plataforma de campanha para os planos doméstico e internacional. Essa tentativa de pautar e influenciar o debate, oferecendo alternativas e modelos, acontece nos bastidores, mas também tem sido bem visível na imprensa, com artigos de opinião e inúmeras entrevistas de especialistas destes institutos, assim como nos eventos (agora *online*, em decorrência da COVID-19) promovidos por eles.

Mesmo antes disso, já no início das prévias do Partido Democrata, institutos autoidentificados como mais moderados,

³⁶ Além da desistência dos demais pré-candidatos, Biden superou o mínimo de 1.991 (do total de 3.979) delegados necessários para a aprovação oficial da candidatura na Convenção Democrata. O evento está previsto para acontecer em meados de agosto, em Milwaukee, Wisconsin.

como o *Third Way*³⁷, vinham agindo no limite do que é eticamente permitido quando se trata do trabalho de um *think tank* (DOVERE, 2020; KLAR, 2020). Em janeiro e em fevereiro de 2020, por exemplo, às vésperas dos *caucuses* em Iowa e das primárias na Carolina do Sul, respectivamente, o *Third Way* divulgou dois memorandos: “A Warning: Why Team Trump Has Called Bernie Sanders Their ‘Ideal’ Opponent” (Cowan, 2020) e “Stand up to Bernie or You – and We – All Lose” (COWAN; BENNETT, 2020).

No primeiro, o autor (COWAN, 2020, s/p) defende que a indicação de Sanders levaria à vitória de Donald Trump por causa de suas “ideias e antecedentes politicamente tóxicos”. Na mesma linha argumentativa e sem defender uma pré-candidatura específica, no segundo texto, Cowan e Bennett (2020, s/p) se dirigem a Biden, aos ex-prefeitos Michael Bloomberg (Nova York) e Pete Buttigieg (South Bend), assim como às senadoras Amy Klobuchar (D-MN) e Elizabeth Warren (D-MA), para alertar sobre os riscos de um candidato “socialista”, com um “histórico político radical”. O senador por Vermont não será o indicado pelo Partido Democrata, mas muitas de suas propostas se tornaram inescapáveis para a sigla nesta eleição.

TEXEIRA, T. Think tanks and political parties in times of Trump. *Perspectivas*, São Paulo, v. 54, p. 175-205, jul./dez. 2019.

■ **ABSTRACT:** *The increasingly sharp political polarization in Washington seems to be causing changes in the occupation of spaces of power by American think tanks. It would be the case, more specifically, of those more traditional institutes and closer to the decision-making centers, or that aim to achieve this status, gravitating the main organs of the federal Executive and the Congress. This article, therefore, deals with the rearrangement that seems to be taking place in this institutional universe since the beginning of the Donald Trump administration and that affects the Republican and the Democratic parties. On the one hand, there is a president with a centralized personality and a self-declared policy outsider who privileges a very close group of collaborators in their decision-making process, with little openness to the broad external advice of think tank specialists. On the other hand, among progressive Democrats, the search has also been for alternative sources of programs and public policies, which is reflected in the more*

³⁷ Embora seja visto e se apresente como um *think tank*, seu registro no *Internal Revenue Service* (IRS) é de um *advocacy group* (uma organização do tipo 501c4), e não como um TT (501c3), o que lhe dá essa margem de manobra para agir no plano político.

fragmented dialogue, using smaller and more specialized institutes, as well as the Academy Following the waves of this revolving door phenomenon is one of the facilitating ways to anticipate agendas and measures to be adopted by the government, as well as to understand part of the functioning of the complex American political system.

■ **KEYWORDS:** *Progressive democrats. Bernie Sanders. Donald Trump. Joe Biden. Republicans. Think tanks.*

Referências

ABELSON, D. E. *Do think tanks matter? Assessing the impact of public policy institutes.* Montreal: McGill-Queen's University Press, 2002.

ABELSON, D. E. *A capitol idea: think tanks & US foreign policy.* Montreal: McGill-Queen's University Press, 2006.

ABELSON, D. E. What were they thinking? Think tanks, the BUSH presidency and US foreign policy. In: PARMAR, I., MILLER, L. B., LEDWIDGE, M. (eds.). *New directions in US foreign policy.* Nova Iorque: Routledge, 2009. p. 92-105.

ABELSON, D. E. CARBERRY, C. M. Policy experts in presidential campaigns: a model of think tank recruitment. *Presidential Studies Quarterly*, v. 27, n. 4, Fall 1997. p. 679-97.

ACUÑA, C. H. Análisis comparativo de cuatro estudios de caso sobre institutos de investigación de políticas (o *think tanks*) en México, Brasil, Ecuador y Uruguay. In: WEYRAUCH, Vanesa (comp.). *Acercando la investigación a las políticas públicas en América Latina: repensando los roles y desafíos para los institutos de investigación de políticas.* Buenos Aires: Fundación CIPPEC, 2009.

BROOKINGS INSTITUTION. *Annual Report*, 2009. 22p. Disponível em: www.brookings.edu/~media/About/Content/annualreport/2009%20Annual%20Report.pdf. Acesso em: mar. 2019.

BOURDIEU, P. Social Space and Symbolic Power. *Sociological Theory*, v. 7, n. 1, p. 14-25, Spring 1989.

BUSH, G W. President George W. Bush speaks at AEI's annual dinner, *American Enterprise Institute*, February 28th, 2003. Disponível em: www.aei.org/publication/president-george-w-bush-speaks-at-aeis-annual-dinner/. Acesso em: jul. 2019.

CHOI, N. Crafting explanatory concepts. *Qualitative Methods*, v. 3, n. 2, p. 24-9, Fall 2005.

CLOUTIER-ROY, C. Comment des think tanks progressistes ont tenté de combler le retard de la gauche dans la “guerre des idées” aux États-Unis: le Progressive Policy Institute et le Center for American Progress. *Bulletin d'Histoire Politique*, v. 28, n. 1, 2019. p. 83-101. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/bhp/2019-v28-n1-bhp05222/1068560ar.pdf>. Acesso em: jan. 2020.

COWAN, J. Memo “A warning: why team Trump has called Bernie Sanders their ‘ideal’ opponent”. *Third Way*, Jan 28th 2020. Disponível em: <https://www.thirdway.org/memo/a-warning-why-team-trump-has-called-bernie-sanders-their-ideal-opponent>. Acesso em: maio 2020.

COWAN, J.; BENNETT, M. Memo “Stand up to Bernie or you – and we – all lose”. *Third Way*, Feb 22nd 2020. Disponível em: <https://www.thirdway.org/memo/stand-up-to-bernie-or-you-and-we-all-lose>. Acesso em: maio 2020.

DICKSON, P. *Think tanks*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1972.

DOVERE, E. The democratic establishment is broken. *The Atlantic*, Feb 22nd 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2020/02/democratic-establishment-broken-bernie-sanders/606934/>. Acesso em: jun. 2020.

DREZNER, D. Are think tanks doomed? *Politico*, August 30th, 2017. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2017/08/30/are-think-tanks-doomed-215560>. Acesso em: mar. 2019.

DUPAS, G. A configuração mundial do poder, a nova hegemonia norte-americana e novo Governo Obama. *Revista Política Externa*, v. 18, n. 1, Jun. /Jul./Ago. 2008. p. 128-38.

DUSS, M. *Think tanks and the Obama Administration*. Apresentação no Foreign Press Center (FPC Briefing), Departamento de Estado Americano, Washington D.C., April 23rd, 2009. Disponível em: fpc.state.gov/123019.htm/. Acesso em: jun. 2019.

FROM, A. Recruiting Bill Clinton. *The Atlantic*, Dec 3, 2013. Disponível em: www.theatlantic.com/politics/archive/2013/12/recruiting-bill-clinton/281946/. Acesso em: mar. 2019.

GRAY, C. S. 'Think tanks' and public policy. *International Journal*, v. 33, n. 1, Opinion and Policy, Winter 1977/1978. p. 177-94.

GUIMARÃES, C. A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo. *Estudos Avançados*, v. 16, n. 46, 2002. p. 53-67. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v16n46/v16n46a05.pdf. Acesso em: set. 2019.

GUIMARÃES, C. Legitimidade e crise na política externa: o governo de George W. Bush. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL. (Rio de Janeiro, 2008). *O Brasil no mundo que vem aí (III CNPEPI): Estados Unidos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 155-73. Disponível em: funag.gov.br/loja/download/496-III_CNPEPI_-_Estados_Unidos_-_Texto_academico.pdf. Acesso em: abr. 2019.

HAASS, R. N. *Think tanks and U.S. foreign policy: a policy-maker's perspective*. Nov 1, 2002. Disponível em: 2001-2009.state.gov/s/p/rem/15506.htm. Acesso em: jul. 2019.

HEER, J. In an age of policy boldness, think tanks have become timid. *The New York Times*, Sept 10th, 2019. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/think-tanks-democratic-party/>. Último acesso em: set. 2019.

KLAR, R. Moderate Democratic think tank: Supporting Sanders is what 'Trump wants you to do', Jan 28th 2020. Disponível em: <https://thehill.com/homenews/campaign/480325-moderate-democratic-think-tanksupporting-sanders-is-what-trump-wants-you>. Último acesso em: maio 2020.

MAHLER, J. How one conservative think tank is stocking Trump's government. *The Nova Iorque Times*, Junho 20, 2018. Disponível em: <https://nyti.ms/2MI4k4n>. Acesso em: mar. 2019.

MCGANN, J. *Development of think tanks and their role as catalysts for ideas and actions in the U.S. political system*. Apresentação no Foreign Press Center, Departamento de Estado Americano, Washington, D.C., February 28th, 2006. Disponível em: www.fpc.state.gov/fpc/62388.htm. Acesso em: out. 2019.

MCGANN, J. *The Global "Go-To Think Tanks": the leading public policy research organizations in the world*. Philadelphia: TTCSP/FPRI, 2007. 24p. Disponível em: studentaffairs.stanford.edu/sites/default/files/cdc/files/mcgann.globalgotothinktanks.pdf. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2008 Global Go To Think Tanks Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 1, 2008. 71p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/1. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2009 Global Go To Think Tanks Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 2. 2009a. 74p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/2. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. *Think tanks and the Obama administration*. Apresentação no Foreign Press Center (FPC Briefing), Departamento de Estado Americano, Washington D.C., April 23rd, 2009b. Disponível em: fpc.state.gov/123019.htm/. Acesso em: jun. 2019.

MCGANN, J. 2010 Global Go To Think Tanks Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 5, 2010. 82p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/5. Acesso em: ago. 2019.

MCGANN, J. 2011 Global Go To Think Tanks Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 6, 2011a. 98p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/6. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. *Global think tanks: policy networks and governance*. Nova Iorque: Routledge, 2011b.

MCGANN, J. 2012 Global Go To Think Tanks Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 7, 2012. 130p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/7. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2013 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 9, 2014. 120p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/9. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2014 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 8, 2015.

171p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/8. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2015 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSF Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 10, 2016. 172p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/10. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2016 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSF Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 12, 2017. 171p. Disponível em: http://repository.upenn.edu/think_tanks/12. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2017 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSF Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 13, 2018. 208p. Disponível em: https://repository.upenn.edu/think_tanks/13. Acesso em: set. 2019.

MCGANN, J. 2018 Global Go To Think Tank Index Report. *TTCSF Global Go To Think Tank Index Reports*. Paper 16, 2019. 266p. Disponível em: https://repository.upenn.edu/think_tanks/16. Acesso em: set. 2019.

MEDVETZ, T. Think tanks as an Emergent Field. *The Social Science Research Council*, Oct. 2008. 10p. Disponível em: sociology.ucsd.edu/faculty/bio/documents/Medvetz.08.SSRC.pdf. Acesso em: ago. 2019.

MEDVETZ, T. *Think tanks in America*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

RASTRICK, C. J. Thinking about Trump: American think tanks and their new political reality. *Onthinktanks.com*, Aug 22, 2017. Disponível em: <https://onthinktanks.org/articles/thinking-about-trump-american-think-tanks-and-their-new-political-reality/>. Acesso em: mar. 2020.

REAGAN, R. Freedom and Vigilance. *1988 Francis Boyer Lecture*, AEI Annual Dinner, December 7th, 1988. Disponível em: www.aei.org/publication/freedom-and-vigilance/ e www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=35239. Acesso em: mar. 2019.

RICH, A. *Think tanks, public policy and the politics of expertise*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2004.

ROGIN, J. Conservative national security think tank shutting down. *The Washington Post*, June 29th, 2017. Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/news/josh-rogin/wp/2017/06/29/conservative-national-security-think-tank-shutting-down/>. Acesso em: out. 2109.

SELEE, A. *What should think tanks do?* Stanford, CA/Washington, D.C.: Stanford University Press & Woodrow Wilson Center Press, 2013.

SHEPHARD, A. The D.C. think tank behind Donald Trump: how the Heritage Foundation is shaping the president's playbook. *New Republic*, February 22, 2017. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/140271/dc-think-tank-behind-donald-trump>. Acesso em: mar. 2019.

SMITH, B. The end of the democratic leadership council era. *Politico*, Feb 7th, 2011. Disponível em: www.politico.com/news/stories/0211/49041.html. Acesso em: ago. 2019.

SMITH, P. I. S. *Think tanks and problem solving*. London: Business Books, 1971.

SMITH, S. Singing our world into existence: international relations theory and September 11. *International Studies Quarterly*, n. 48, 2004. p. 499-515.

STONE, D. Introduction: think tanks, policy advice and governance. In: STONE, D.; DENHAM, A. (eds.) *Think tanks Traditions: policy analysis across nations*. Manchester: Manchester University Press, 2004a.

STONE, D. Recycling bins, garbage cans or think tanks? Contesting three myths regarding policy analysis institutes. *Comparative perspectives on scientific expertise for public policy*, Amsterdam, December 16/17th, 2004b. Disponível em: cps.ceu.hu/knowledgenetworks.php. Acesso em: jul. 2019.

STONE, D. Recycling bins, garbage cans or think tanks? Three myths regarding policy analysis institutes. *Public Administration*, v. 85, n. 2, 2007. p. 259-78.

TALBOTT, S. Ideas, policy, and politics: the role of independent research in partisan times. *Vital Speeches of the Day*, v. LXXII, n. 14-15, p. 437-40, May 28, 2006. Disponível em: www.brookings.edu/~media/research/files/speeches/2006/5/politics/200605_strobe.pdf. Acesso em: mar. 2019.

TEIXEIRA, T. *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA*. Rio de Janeiro: Revan/PPGRI, 2007.

TEIXEIRA, T. Os think tanks e o início da Era Obama. In: PECEQUILO, C.; RESENDE, E. S. A.; DINIZ, E. (orgs.). *Os Estados Unidos no mundo atual*. Curitiba: Editora Juruá, 2010. 338p. Cap. 2, p. 41-62.

TEIXEIRA, T. Brazilian think tanks and their search for identity and recognition. *2012 Congress of the Latin American Studies Association (LASA)*. San Francisco, California, May 23-26, 2012. 25p.

TEIXEIRA, T. Brazilian think tanks: between the past and the future. In: VAITSMAN, J; RIBEIRO, J. M; LOBATO, L. (eds.). *Policy Analysis in Brazil*. Bristol: Policy Press, 2013. 290 p. cap. 18, p. 233-47.

TEIXEIRA, T. *Os think tanks na Política Externa Americana para o Brasil*. 260p. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp/Uerj).

TEIXEIRA, T. Heritage Foundation, o think tank de Trump. *Informe Opeu*, 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2018/10/16/heritage-foundation-o-think-tank-de-trump/>. Último acesso em: set. 2019.

THOMPSON, A.; MEYER, T. The Ivory Tower team of wonks behind Warren's policy agenda. *Politico*, Sept. 24th 2019. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2019/06/24/elizabeth-warren-policy-team-1376718>. Último acesso em: set. 2019.

TROY, T. Devaluing the think tank. *National Affairs*, Winter 2012. p. 75-90. Disponível em: www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/973/20111220_troy_indiv.pdf. Acesso em: set. 2019.

TROY, T. The dilemma of the D.C. think tank. *The Atlantic*, Dec. 19th, 2017. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/12/presidents-and-think-tanks/548765/>. Último acesso em: set. 2019.

THINK TANK WATCH.COM. Trump presidency means tectonic shift in think tank landscape. Nov 11th, 2016. *Thinktankwatch*.

com. Disponível em: <http://www.thinktankwatch.com/2016/11/trump-presidency-means-tectonic-shift.html>. Último acesso em: mar. 2020.

WEAVER, R. K. The changing world of think tanks. *PS: Political Science and Politics*, v. 22, n. 3, p. 563-78, Sept. 1989.

WIARDA, H. J. The new powerhouses: think tanks and foreign policy. *American Foreign Policy Interests*, v. 30, 2008. p. 96-117.

WIARDA, H. J. *Think tanks and foreign policy: the Foreign Policy Research Institute and presidential politics*. Lanham, MD: Lexington Books, 2010.

WIARDA, H. J. New trends in think tanks advocacy and the 2016 election campaign. *Issues in foreign policy, comparative politics and international affairs*, v. VIII, n. 10, 2p, June 2015.